

A Revolução Russa



Sumário

A Revolução de Novembro	2
O Espírito do Povo para a Ofensiva	7
O levante de Kornilov	20
Complicações na situação interna	27
O Conselho Democrático	34
O Conselho Militar Revolucionário	40
O Soviete de Petrogrado	44
A conquista do Palácio de Inverno	52

Trechos do Livro “Como Fizemos a Revolução” de Leon Trotsky

A Revolução de Novembro¹

I

Na nossa época os acontecimentos sucedem-se com tamanha rapidez que se torna difícil reproduzi-los por ordem cronológica. Não disponho de quaisquer fontes documentais para organizar um esboço da revolução de Novembro, mas faço-o confiando nas minhas recordações e reservando para mais tarde um relato mais completo e perfeito, apoiado em testemunhos verídicos.

Desde os primeiros dias da Revolução o nosso partido teve a firme convicção de que a lógica dos acontecimentos o levaria ao Poder. Não quero falar dos teóricos do nosso partido que, muitos anos antes desta Revolução e anteriormente ainda à de 1905², analisando as relações entre as classes sociais russas, tinham afirmado que um movimento revolucionário vitorioso colocaria inevitavelmente o poder do Estado nas mãos dos proletários, apoiados pela grande massa dos camponeses pobres.

Esta afirmação apoiava-se na insignificância da burguesia democrática e na concentração da indústria em poucas mãos o que determinava a importância enorme da classe operária. A insignificância da classe média não é mais do que o reverso do poder do proletariado. A guerra originou aparências enganadoras a este respeito, porque atribuiu um papel decisivo ao exército que, na realidade, era formado por camponeses. Se a Revolução tivesse acontecido em época mais normal, se tivesse começado em tempo de paz, como em 1912, o proletariado teria assumido uma atitude diretiva

1 Outubro pelo calendário russo

2 Nesta época, esta era a visão de Trotsky, parte da elaboração da Teoria da Revolução Permanente.

desde o primeiro momento e teria arrastado gradualmente os camponeses. A guerra, porém, modificou a lógica dos acontecimentos. Os camponeses estavam organizados militarmente no exército. Antes que as aspirações e ideias os unissem, já estavam organizados em regimentos. Os pequenos burgueses espalhados nesses exércitos, experimentavam quase todos os sentimentos revolucionários próprios da sua classe. O descontentamento social das massas aumentava e adensava-se com o desastre militar. Apenas começou o movimento revolucionário a guarda avançada do proletariado restaurou as tradições de 1905 e incitou as massas para se organizarem em corpos representativos, isto é, em sovietes.

O exército viu-se na necessidade de enviar representantes aos conselhos revolucionários antes que a sua consciência política alcançasse a grandeza revolucionária que os acontecimentos adquiriam. Quem poderiam os soldados enviar como representantes? Evidentemente que apenas os intelectuais e semi-intelectuais de entre eles, que possuindo um mínimo de conhecimentos políticos conseguiam exprimir as suas ideias.

Deste modo os intelectuais da classe média adquiriram rapidamente uma influência enorme. Médicos, engenheiros, advogados, jornalistas que antes da guerra levavam uma vida absolutamente burguesa, depressa tornaram-se representantes de associações e exércitos e sentiam-se chefes da Revolução. A vacuidade das suas ideias políticas correspondia exatamente ao estado amorfo da consciência revolucionária das massas. Para estes elementos nós éramos sectários; nós que tínhamos formulado as reclamações a favor dos trabalhadores e camponeses com uma clareza e precisão irreconciliáveis.

Notava-se, porém, que os representantes da democracia ainda que orgulhosos dos seus ímpetos revolucionários, desconfiavam das aptidões e do valor das massas que os haviam escolhido. Titulando-se socialistas e acreditando-se como tais na realidade, conservavam a sua atitude respeitadora ante a autoridade política dos liberais burgueses cuja sabedoria e

métodos acatavam. Por isso tentaram obter, a toda força, o concurso dos liberais para formar com eles uma aliança ou coligação.

O programa do Partido Socialista Revolucionário, cheio de fórmulas e de expressões sentimentalistas e prédicas morais, substitutivos dos métodos da luta de classe, era o maior atrativo espiritual para os improvisados diretores do movimento.

Os seus esforços para suprir a sua impotência intelectual e política, socorrendo-se da ciência da burguesia, encontraram uma sanção teórica nos ensinamentos dos mencheviques. Estes acreditavam que a Revolução devia ter um caráter burguês e não podia realizar-se sem a participação dos indivíduos desta classe no governo. Formou-se um bloco entre os socialistas revolucionários e os mencheviques, como expressão do tímido e vacilante espírito político dos intelectuais da classe média, convertidos em vassalos do liberalismo imperialista.

Nós compreendemos claramente que a lógica da luta de classes destruiria por fim aquela combinação transitória e acabaria com os chefes do período de transição. O predomínio dos intelectuais mesocráticos³, fundamentalmente, não significava senão que os camponeses, chamados subitamente a tomar parte da vida pública, como membros do exército que se tinha convertido em ação política, impunham, com a força do número, uma eliminação momentânea do proletariado. Os chefes da classe média tinham subido àquelas alturas devido à força formidável dos soldados, enquanto os membros da classe operária, exceto os mais evoluídos, estavam obrigados a acatar os diretores do movimento e manter-se em contato com eles, com o risco de ficarem separados das massas camponesas.

Tal situação manifestava um problema difícil. As gerações mais antigas tinham viva a recordação de 1905, da derrota então sofrida pelo proletariado porque não acudiram em seu socorro as imensas massas de camponeses. Foi este o motivo de na primeira fase da nova revolução, os proletários se mostrarem propícios na aceitação da ideologia dos socialistas

revolucionários e dos mencheviques. Todavia a revolução parecia ter abalado os operários politicamente mais atrasados e o vago radicalismo dos intelectuais era uma escola rudimentar para estes operários.

Deste modo o Conselho dos operários, soldados e camponeses significava o predomínio do elemento amorfo destes últimos sobre o proletariado socialista, e do radicalismo intelectual sobre aquele mesmo elemento amorfo.

O edifício do soviétismo ganhou rapidamente uma altura gigantesca graças à participação dos intelectuais naquele trabalho, aproveitando para ele os seus conhecimentos técnicos e as suas relações com a classe média. Para nós, porém, era evidente que faltava ao edifício uma base sólida e que se desmoronaria ao iniciar-se a fase seguinte da Revolução.

II

A revolução surgiu diretamente da guerra. A guerra foi também a escapatória de todos os partidos e de todas as forças revolucionárias.

Os chefes intelectuais tinham sido inimigos da guerra. Muitos deles, ainda que sob o czarismo, acreditavam-se solidários com a esquerda internacional e figuravam entre os Zimerwaldianos⁴. Donos do poder, porém, mudaram completamente. Fazer a revolução socialista naquela época teria significado a ruptura com a burguesia russa e com a burguesia aliada. Mas, como já disse, a incapacidade dos intelectuais mesocráticos e dos intelectuais seus amigos, obrigou-os a procurar a proteção dos liberais burgueses. Daqui o lamentável papel, verdadeiramente abafado, desempenhado pelo diretório mesocrático na questão da guerra, porque se limitou a queixar-se retoricamente e a fazer súplica secretas aos governos aliados, mas sem se afastar da política do liberalismo burguês. Nas trincheiras não conseguiam compreender como

⁴ Social democratas internacionalistas que se posicionaram contra a Guerra

iria mudar a guerra que sustentavam há três anos, pois não viam outra mudança além de certos indivíduos chamados socialistas revolucionários e mencheviques no governo de Petrogrado.

Miliukov sucedeu a Pokrovsky; Terestchenko a Millukov. A perfídia burocrática, substituída pelo imperialismo dos Cadetes⁵ via depois ocupado o posto por um servilismo político nebuloso e desprovido de princípios. Nada disto implicava qualquer mudança objetiva e todos continuavam no círculo viciosos da guerra. Esta foi a primeira causa da dissolução do exército. Os agitadores revolucionários tinham dito que o governo dos czares enviava as massas ao matadouro, sem objetivo e sem sentido claro das causas da luta, e os sucessores do czar não sabiam mudar o caráter da guerra, nem fazer a paz.

Nos primeiros meses da Revolução tudo continuou imutável. Os soldados impacientavam-se e os governos aliados davam sinais de irritação. Por isso aconteceu a ofensiva do primeiro de Julho. Os aliados⁶ exigiram-na e insistiram que o novo governo cumprisse os compromissos contraídos pelo czar. Tementes da sua própria incapacidade e pelo crescente descontentamento das massas, os chefes e mesocráticos aceitaram sem vacilações os pedidos dos aliados, porque acreditavam que bastaria um ataque do exército russo para se realizar a paz. Pensavam que a ofensiva fosse a saída do labirinto, a resolução do problema, a esperança salvadora. Não se pode imaginar uma ilusão mais falsa e criminosa. Na altura falava-se da ofensiva, como tinham falado os socialistas patriotas dos outros países quando começou a guerra, invocando a defesa nacional, os sagrados vínculos da nação, etc. O internacionalismo Zimerwaldiano desvanecia-se como por encanto.

Para nós que constituíamos um partido de oposição era evidente que a ofensiva significava um passo terrivelmente

5 Militantes do “Partido da Liberdade do Povo”, também chamado “Partido Constitucional-Democrata” ou simplesmente, “Cadete” (K. D.): principal partido da burguesia monárquica liberal e em seguida, da burguesia imperialista russa. Seu objetivo era a transformação do czarismo em monarquia constitucional

6 França e Inglaterra, aliados da Rússia na Primeira Guerra Mundial

perigoso e que podia estar na origem do fracasso da Revolução. Pedíamos com insistência ao governo que não cometesse o erro de enviar para a luta um exército que acabava de despertar e que ainda não percebia claramente a causa da tempestade revolucionária, pois para a luta era indispensável sugerir-lhe ideias novas e conseguir que as assimilasse. Das exortações passamos às admoestações e destas às ameaças. Os governantes, porém, subjugados pela burguesia, não tinham outro caminho senão o que esta lhes indicava e responderam declarando-se nossos inimigos e jurando-nos um ódio implacável.

O Espírito do Povo para a Ofensiva

I

Não será sem profunda emoção que os historiadores contemporâneos hão de ler os jornais russos de Maio e Junho de 1917. Eram os momentos em que se preparava o espírito do povo para a ofensiva. Quase todos os artigos da Imprensa, sem excetuar os jornais, quer os oficiais ou semioficiais, atacavam os bolchevistas. Não lhes regateavam ultrajes e calúnias. A campanha era dirigida principalmente pelos cadetes, cujo instinto de classe lhes revelava que a questão delineada não era somente a ofensiva, mas também a sorte do movimento revolucionário e, sobretudo, a forma de governo. A máquina burguesa encarregada de orientar a opinião pública, foi posta em movimento com todo o vigor. As regulamentações oficiais, os discursos, as aulas, obedeciam ao mesmo interesse: procurar a inutilização do partido bolchevista. Nesta conjuração contra os bolchevistas encontram-se os primeiros indícios da guerra civil que marcou a fase seguinte da revolução. O objetivo das excitações e diatribes era criar uma profunda separação e inimizade entre as classes trabalhadoras por um lado e a sociedade culta por outro.

A burguesia liberal dava-se conta, perfeitamente, de que não podia alcançar o apoio das massas sem o concurso

dos representantes da pequena burguesia e que, como já disse, haviam conseguido temporariamente a chefia das organizações revolucionárias. A consequência de tudo isto, objeto imediato das excitações contra os bolchevistas, foi uma inimizade irreconciliável entre o nosso partido e a grande maioria dos intelectuais com os socialistas, uma vez que estes, depois de rompidas as relações com o proletariado, se submeteram à burguesia liberal.

No primeiro Congresso de todos os Sovietes da Rússia começou a tempestade. O nosso partido tinha projetado uma manifestação armada em Petrogrado para o dia 23 de junho, cujo objetivo imediato era fazer pressão sobre o Congresso.

“Apoderaí-vos do poder público” era o que o proletariado de Petrogrado queria dizer aos socialistas revolucionários e aos mencheviques de todo o país que acudiam à capital. “Prescindi⁷ da burguesia. Abandonai toda a ideia de coligação e tomai nas vossas mãos as rédeas do Estado”. Estávamos seguros de que se os socialistas revolucionários e mencheviques cortassem relações com a burguesia liberal, teriam que refugiar-se no campo dos elementos mais enérgicos e avançados das classes proletárias e assumiriam o comando da Revolução.

Os dois partidos contrários ficaram profundamente impressionados pelo incidente. A divisão cavou-se mais profunda e o antagonismo adquiriu proporções maiores. Numa sessão secreta da mesa diretiva do Congresso, composta por representantes de todos os partidos, Tsereteli⁸, na altura membro do Governo de Coligação, falando com a altivez própria da estreiteza mental de um doutrinário da pequena burguesia, declarou que o único perigo para a Revolução era a ameaça bolchevista e os trabalhadores armados de Petrogrado. Pediu que se tirassem as armas dos indivíduos que não sabiam fazer bom uso delas. Falando dos que não sabiam fazer bom uso das

7 Prescindir – renunciar, dispensar

8 Irakli Tsereteli foi um político georgiano, um dos líderes do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) e depois dos mencheviques georgianos, participou também no governo provisório menchevique, primeiro como Ministro de Correios e Telégrafos e depois como Ministro do Interior.

armas, referia-se não só aos operários da capital, mas também à parte da guarnição que nos era dedicada. O desarmamento, porém, não se realizou porque as condições políticas e o estado psicológico das populações não permitiam uma medida tão extrema.

Em lugar da nossa manifestação, o Congresso dos Sovietes organizou outra no primeiro de julho, mas sem armas. Foi esse o dia do nosso triunfo. O povo acudiu em massas compactas, porém, ainda que o tivesse feito por uma convocação oficial do Soviete – que desejava compensá-lo da frustrada demonstração de 23 – os operários e soldados inscreveram nas suas bandeiras e cartazes os nossos pedidos e declarações.

Abaixo os tratados secretos!

Abaixo a política de ofensivas estratégicas!

Viva uma paz honrosa!

Abaixo os dez ministros capitalistas!

Todo poder aos Sovietes!

Apenas havia três cartazes favoráveis ao Governo de Coligação. Um deles pertencia a um regimento de cossacos. Outro era de um grupo de Plejánov⁹. O terceiro tinha saído da Liga, associação formada na sua maioria por elementos não proletários. A manifestação demonstrou não só aos nossos adversários, mas também a nós mesmos, que tínhamos em Petrogrado mais força do que supúnhamos. Isto derivou não apenas do número de manifestantes e das legendas dos cartazes, mas também do próprio caráter da manifestação.

9 Gueorgui Valentinovich Plekhanov, considerado o introdutor na Rússia do pensamento de Marx e Engels, fundou, em 1883, o grupo Emancipação do Trabalho, o embrião do Partido Trabalhista Social Democrata Russo (que ele ajudaria a fundar em 1894). Voltando à Rússia em 1917, opôs-se às concepções de Lênin e Trotsky e foi contra a Revolução de Outubro.

II

Pareceu que a manifestação provocaria uma crise governamental. Mas esta impressão ficou prejudicada pelas notícias que chegavam da frente sobre a ofensiva do exército revolucionário. Ao mesmo tempo que os operários e a guarnição de Petrogrado pediam a publicação dos tratados secretos e uma proposição de paz, Kerensky lançava as tropas revolucionárias contra o inimigo. Não era uma coincidência fortuita. Tudo fora preparado previamente e o momento da ofensiva foi escolhido por razões políticas. No dia 2 de julho realizou-se em Petrogrado uma série de manifestações patrióticas fingidas. A avenida Newsky, centro do bairro burguês, encheu-se de grupos animadíssimos, nos quais predominavam oficiais, jornalistas, e senhoras elegantes, que faziam uma propaganda colérica contra os bolchevistas. Os jornais mais importantes da burguesia liberal aproveitaram as primeiras notícias favoráveis da ofensiva para declarar que se tinha conseguido o objetivo principal, pois o golpe do dia um, quaisquer que fossem as suas consequências militares, era decisivo para impedir os progressos da Revolução. Restabelecer-se-ia a disciplina e o exército, fortalecendo o poder da burguesia liberal no país. As nossas previsões eram diferentes. No primeiro Congresso dos Sovietes, poucos dias antes da ofensiva, tínhamos lido uma declaração em que dissemos que esta destruiria a coesão interna do exército, que apareceriam dentro dele grupos divididos por uma profunda hostilidade e que tomariam enorme preponderância os elementos contrarrevolucionários, dado que, para restaurar a disciplina num exército desorganizado, não era possível apelar senão para um dos meios: novos ideais ou processo de repressão brutal. Quer dizer que anunciamos nesta declaração o que mais tarde chamaram Kornilovismo¹⁰. Afirmamos que a Revolução corria perigo, tanto no caso de bom êxito da ofensiva no qual não acreditávamos – como no caso de um fracasso, que parecia quase inevitável. O triunfo teria determinado a união da pequena burguesia com a superior,

através de um programa político e teria produzido como consequência, o alheamento do proletariado revolucionário enquanto que a derrota podia provocar a dissolução completa do exército, a retirada caótica, a perda de maior número de províncias, o desengano e desespero do povo.

Os acontecimentos encaminharam-se para a segunda parte da alternativa. O avanço vitorioso não durou muito tempo. As primeiras notícias foram seguidas de sinistras comunicações nas quais se revelava a negação por parte de seções inteiras do exército em resistir ao ataque do inimigo, as perdas terríveis da oficialidade, agrupada em batalhões de resistência e coisas semelhantes.

Viam-se claramente as dificuldades crescentes do país através destes acontecimentos militares. O governo de coligação não tinha podido resolver os problemas agrários econômicos e nacionais. Os serviços de transportes e provisão de alimentos a cada vez se faziam com maior desordem. Os conflitos sociais produziam-se com extraordinária frequência. Os ministros socialistas procuravam aclamar a inquietude aconselhando o povo a esperar. Tudo estava combinado para a reunião da Assembleia Constituinte. Era manifesta a falta de capacidade e de segurança do regime.

Dentro de tal estado apenas se viam dois meios de salvação: derrocar a burguesia e abrir passagem à revolução, ou empregar a repressão brutal para dominar as massas. Kerensky e Tsereteli preferiam temporizações, mas só conseguiram aumentar a confusão. Os cadetes, membros mais astutos da coligação, deram-se conta de que o fracasso da ofensiva de julho podia significar um golpe de morte, não somente para a Revolução, mas também para os usufruidores da situação dominante, e depressa se retiraram, derivando as responsabilidades sobre os seus colegas da esquerda.

A 15 de julho rebentou a crise ministerial devido à questão da Ucrânia. Foram momentos de grande tensão. Chegavam continuamente deputações e delegados individuais de todas as frentes que relatavam o caos reinante no exército,

em consequência da ofensiva. A imprensa oficial pedia uma repressão enérgica e a socialista repetia cada vez com mais frequência os mesmos pedidos.

Kerensky inclinava-se rapidamente para os cadetes e seus generais, sempre o seu ódio a todos os elementos revolucionários.

As embaixadas aliadas faziam pressão sobre o governo para que restabelecesse a disciplina e renovasse a ofensiva. Era enorme a confusão nos círculos oficiais, enquanto que a indignação do povo operário aumentava todos os dias. “Aproveitai a ocasião que vos é apresentada pela renúncia dos ministros cadetes e assumi a direção completa dos negócios públicos”. Era esta a senha que os operários de Petrogrado dirigiam à maioria do soviete; isto é, aos socialistas revolucionários e mencheviques. Na reunião da Comissão Executiva dos Sovietes, celebrada a 15 de julho, os ministros socialistas deram conta da nova crise dos membros do Comitê. Nós esperamos com o maior interesse a atitude que adotariam aqueles grupos uma vez dissolvido, vergonhosamente, um governo que caía aos golpes da própria coligação. Tsereteli foi o encarregado de reformar. Explicou-nos detalhadamente que as concessões feitas por ele e por Terestchenko à Ucrânia não constituíam de modo nenhum o desmembramento do país, nem justificavam a demissão dos ministros cadetes. Tsereteli acusava-os de doutrinários centralistas e de não se darem conta da necessidade de aceitar transações. Esta informação produziu uma impressão verdadeiramente lamentável. O congresso, doutrinador da coligação, acusando os cadetes de doutrinadores! Doutrinadores os cadetes, campeões políticos do capitalismo, sem nenhuma contaminação com as ideias teóricas! Doutrinadores os homens que aproveitavam a primeira oportunidade para descarregar sobre as suas testas de ferro as responsabilidades e carregá-las ainda com o custo da situação criada pela ofensiva de julho.

Naquela altura, depois do acontecimento parecia não ficar com outro recurso do que romper com os cadetes e formar

um governo exclusivamente sovieta. Um governo sovieta teria significado, sob o ponto de vista dos partidos, pela força dos partidos do Soviete, a entrega do Poder aos socialistas revolucionários e aos mencheviques. A nossa política era continuar até ao fim, pois as reeleições constantes dos sovietes proporcionavam meio de refletir sobre o radicalismo, cada dia maior, dos operários e soldados. Dávamos conta que a ruptura da coligação com a burguesia faria preponderar as tendências radicais nos sovietes. Da luta do proletariado pelo poder resultaria a organização dos sovietes que se desenrolaria sem sacudidelas dolorosas.

Enquanto se rompesse o vínculo que os unia à classe burguesa, os democratas da pequena burguesia sofreriam todos os ataques e não teriam outro remédio senão aliar-se com os socialistas operários. Tarde ou cedo o grupo amorfo e vacilante seria dominado pelas massas, influenciadas pela nossa propaganda. Por isso estimulávamos os dois principais partidos do sovieta para que se apoderassem do governo, mesmo não tendo confiança neles, e dizíamos-lo francamente.

Porém apesar da crise ministerial de 15 de julho, Tsereteli e os seus amigos continuaram fieis à ideia de coligação. Sustentavam, no seio da comissão Executiva, que os Cadetes estavam desmoralizados pelo doutrinário e pelas simpatias contrarrevolucionárias, mas que nas províncias havia muitos elementos burgueses dispostos a concordar com a democracia revolucionária e que a cooperação desses elementos podia assegurar-se se na constituição do novo ministério se incluíssem alguns representantes da pequena burguesia. Havia muitas esperanças na formação do partido radical-democrático que alguns políticos de antecedentes duvidosos organizavam. Ao saber-se em Petrogrado que dos restos da antiga coligação surgia outra, uma onda de descontentamento e indignação inundou a cidade, nascida nos centros dos operários e soldados. Foi esta a origem dos acontecimentos de 16 a 18 de julho, que tamanha significação haviam de ter para o que iria desenrolar-se tão rapidamente.

III

A Comissão Executiva estava em reunião quando fomos avisados por telefone de que o regimento de metralhadoras organizava uma manifestação. Tomamos imediatamente as medidas convenientes e, pelo telefone também, demos as ordens mais oportunas. Entretanto ocultamente, preparavam-se outros acontecimentos. Os representantes dos movimentos dissolvidos por insubordinação, vinham da frente com notícias das repressões e semearam o descontentamento e a inquietude na guarnição de Petrogrado.

Ao mesmo tempo os operários da capital estavam profundamente desgostosos dos seus chefes. A desconfiança chegou ao máximo quando se soube que Tsereteli, Dan e Cheidze não vacilavam em desfigurar os sentimentos do proletariado para impedir que o soviete da capital fizesse eco das novas opiniões das classes trabalhadoras. A Comissão Executiva eleita pelo Congresso de junho e apoiada nos votos das províncias mais atrasadas, fazia maiores esforços para conseguir que o Soviete de Petrogrado lhe deixasse liberdade. Chegou a tratar de assuntos exclusivamente locais. O conflito parecia inevitável. Os operários e soldados faziam pressão com mais energia e chegaram a exprimir com violência o seu descontentamento contra a política do Soviete. Exigiam que o nosso partido tomasse medidas enérgicas. Nós compreendíamos que não tinha chegado a hora de as tomar, porquanto as províncias ainda se inclinavam em sentido contrário. Temíamos que os acontecimentos da frente produzissem uma imensa confusão nas fileiras dos trabalhadores revolucionários e os exasperassem.

Dentro do nosso partido, a atitude a assumir face aos acontecimentos de 16 e 18 de julho, estava perfeitamente definida. Por um lado, temíamos que se cortassem as comunicações de Petrogrado com as províncias longínquas e, por outro, tínhamos esperança que a nossa intervenção enérgica e ativa, fizesse mudar a nosso favor a situação. A nossa propaganda agitou intensamente as massas.

Esperávamos que uma exibição das forças das massas revolucionárias romperia as resistências obstinadas dos coligacionistas e lhes demonstraria que o único meio para conservar o poder seria cortar definitivamente com a burguesia. Apesar do que foi dito pela imprensa adversária, o nosso partido não tinha a intenção de recorrer a um movimento armado para se assenhorear do poder. Só queríamos fazer uma manifestação revolucionária, aproveitando as tendências que se delineavam espontaneamente e dando-lhes um sentido político. A comissão Executiva Central fazia uma reunião no Palácio de Táurida quando a multidão dos soldados e dos operários rodeou o edifício. Os soldados estavam armados, mas apenas uma insignificante minoria de anarquistas queria fazer uso da força contra o centro soviético. Também havia alguns indivíduos, pagos sem dúvida, e pertencentes aos “cem negros”¹¹ que pretenderam aproveitar a ocasião para desencadear o motim e fazer distúrbios. Estes pediam a detenção de Chernov. De tudo isto me informou na cadeia de Kresty um marinheiro que tinha tomado parte na tentativa e que era apenas um delinquente comum, preso por furto. Todavia a imprensa burguesa e coligacionista tinha descrito o movimento como um mero distúrbio e um levantamento contrarrevolucionário, apresentado como uma manobra bolchevista, cujo objetivo era assaltar o poder.

O movimento de 16 a 18 de julho demonstrou com perfeita clareza que os principais partidos do soviete estavam completamente alheados. Mas a guarnição não era toda nossa. Havia unidades vacilantes, indecisas, passivas. Todavia, excetuados os aspirantes a oficiais, nem uma só das unidades que compunham a guarnição estivera disposta a pegar em armas contra nós em defesa do Governo ou dos partidos que formavam a maioria dos sovietes. Era preciso levar tropas da frente. A estratégia de Tsereteli, Chernov e companheiros consistia em ganhar tempo para que Kerensky pudesse levar

11 Bandos monárquicos criados pela polícia czarista para lutar contra o movimento revolucionário. Os cem-negros assassinavam revolucionários, atacavam intelectuais progressistas, organizavam progromes (massacres contra judeus).

tropas de confiança a Petrogrado.

Umas atrás de outras chegavam as delegações ao Palácio de Táurida, rodeado por uma multidão armada, solicitando a ruptura completa com a burguesia, enérgicas reformas sociais e negociações de paz. Nós, bolchevistas, recebíamos os manifestantes agora nas ruas, depois nos palácios, convidando-os à serenidade e assegurando-lhes que, dada a excitação dos ânimos, era impossível que os transacionistas pudessem formar um gabinete de coligação. Os delegados da cidade de Kronstadt eram os mais resolutos e só com muito trabalho conseguimos que se contivessem dentro dos limites de uma simples manifestação.

No dia 17 a manifestação assumiu um caráter mais importante e já se fez sob a direção do nosso partido. Os chefes do soviete tinham perdido a cabeça; os seus discursos eram simples evasivas: as respostas que Cheidze, o Ulisses da coligação, deu aos delegados, careciam absolutamente de sentido. Nós sentíamos que os chefes da descontrolada coligação apenas se propunham ganhar tempo.

Na noite de 17 começaram a chegar tropas de confiança. Durante a reunião da Comissão Executiva no Palácio de Táurida ouviram-se as notas da Marselhesa, executada por uma banda militar. Mudou imediatamente a expressão dos membros da junta. Adquiriram uma confiança que não tinham demonstrado nos dias anteriores. Esta mudança foi produzida pela vinda do regimento de Volínia, que poucas semanas após marcharia à cabeça da revolução de Novembro.

Os dirigentes da situação não julgavam necessária já a vigilância às delegações dos operários e soldados nem aos representantes da armada do Báltico. Na tribuna da Comissão Executiva pronunciaram-se discursos em que se falou da rebelião dominada pelas tropas leais e do caráter contrarrevolucionário do bolchevismo.

O medo da burguesia durante as trinta e seis horas de manifestações armadas, transformou-se num ódio colérico, manifestado não só nos seus jornais, mas também nas ruas

de Petrogrado donde fustigou sem comiseração os operários e soldados empenhados na sua criminoso agitação. Aspirantes, oficiais, membros do batalhão e cavaleiros de S. Jorge eram os patrões e, amparados por eles, começaram a circular os mais fervorosos contrarrevolucionários. As associações operárias e as do nosso partido eram desfeitas energicamente. Houve detenções e pesquisas domiciliares, tarefas¹² coletivas e assassinatos individuais. Na noite de 17 a 18 o ministro da justiça, Preverzev, entregou documentos à imprensa em que demonstrava que os chefes do bolchevismo eram agentes pagos pelos alemães.

Os chefes dos partidos socialista revolucionário e menchevista conheciam-nos suficientemente para não acreditar nessas acusações, mas tinham demasiado interesse no bom êxito da jornada e deixaram que circulassem. Ainda hoje é impossível recordar sem desgosto o dilúvio de mentiras que enchia as colunas da imprensa burguesa e coligacionista. Os nossos jornais foram suspensos. Toda a cidade revolucionária de Petrogrado sentiu que o exército e as províncias estavam muito longe de lhe ter simpatia. Houve um momento que os operários desanimaram. Os chefes do Soviete, entretanto fabricavam um novo ministério com grupos mesocráticos¹³ de ínfima ordem que, longe de dar força ao governo, lhe tirava até o mais leve vestígio revolucionário.

Mas os acontecimentos da frente tomaram o curso fatal que se esperava. O exército estava minado nos seus alicerces. Os soldados reconheceram que os oficiais eram profundamente hostis ao novo regime, ainda que nos primeiros dias tivessem feito e afirmado coisas que fingiam adesão. No quartel general, descaradamente, fazia-se uma seleção de elementos contrarrevolucionários. As publicações bolchevistas eram fiscalizadas com toda dureza.

A ofensiva tinha terminado numa trágica retirada. A imprensa fazia uma campanha cruel contra o exército,

12 Tarefa - agressão

13 Mesocrático: oriundo das classes médias

esquecendo-se de que na véspera das ofensivas os partidos burgueses nos tinham chamado minoria insignificante, desconhecida e desprezada no exército, e atribuindo o espantoso desastre militar à nossa propaganda nas fileiras. As prisões encheram-se de revolucionários e, sob o pretexto de descoberta dos responsáveis pelos acontecimentos de 16 a 18, foram irritados os lobos da magistratura czarista.

Ainda mais: os socialistas revolucionários e os mencheviques atreveram-se a solicitar de Lenin, Zinoviev e outros camaradas que se entregassem voluntariamente à justiça.

IV

Mas o desalento dos operários passou repentinamente e uma nova vaga de entusiasmo revolucionário propagou-se na guarnição de Petrogrado. Os coligacionistas perdiam toda a sua influência. A onda bolchevista começava a estender-se pelo país e a penetrar no exército.

O novo ministério de coligação presidido por Kerensky dedicou-se às repressões. Restabeleceu a pena de morte para os soldados, não permitiu a publicação dos nossos escritos e ordenou que todo aquele que se dedicasse à propaganda fosse detido.

Estas medidas serviram para aumentar a nossa influência. Apesar de todos os obstáculos postos para impedir a reeleição do Soviete de Petrogrado a força dos partidos tinha-se alterado tão profundamente, que tínhamos a maioria em diversos pontos de importância. O mesmo ocorreu no Soviete de Moscou. Na altura eu estava preso em Kresty com muitos outros camaradas, por ter tomado parte na agitação e na organização do movimento armado de 16 a 18 por “conta do governo alemão e com o fim de auxiliar os planos militares dos Hohenzollern”. O conhecido instrutor Alexandrov, que no tempo do czarismo se distinguiu pelas suas pesquisas contra os revolucionários, tinha a missão de proteger a República

do perigo bolchevista. Segundo o sistema do regime antigo, os presos formavam duas categorias: políticos e delinquentes comuns: o novo regime introduziu outras categorias: delinquentes comuns e bolchevistas.

Os soldados presos estavam submergidos em dolorosa perplexidade. Eram jovens camponeses, completamente alheios à política, convencidos de que a Revolução significava a conquista definitiva da liberdade e viam, cheios de susto, os ferrolhos das portas e as grades das janelas. Quando passeávamos pelo átrio apanhando sol, alguns perguntavam o significado de tudo aquilo e como acabaria o seu processo! Eu consolava-os falando da nossa futura vitória.

O levante de Kornilov

I

Em fins de agosto realizou-se o levante de Kornilov. Foi este o resultado imediato da mobilização das forças contrarrevolucionárias.

Na célebre Conferência de Moscou na segunda quinzena de agosto, Kerensky prometeu seguir uma política transacional entre as classes poderosas e os democratas da pequena burguesia. Bolchevistas, estávamos fora da lei.

Kerensky foi freneticamente aplaudido pelos elementos da ordem, com um silêncio traidor pelos democratas da pequena burguesia, e anunciou uma política de sangue e fogo contra os perturbadores bolchevistas. Porém, as exclamações histéricas de Kerensky e as suas ameaças não deixaram completamente satisfeitos os chefes contrarrevolucionários que ocupavam o poder e estavam ao lado dos que mandavam, participaram no movimento, mas atraíram Kornilov quando deram conta de que a vitória do general os eliminaria.

Eu continuava no cárcere e segui o episódio nos jornais, pois a única diferença do regime prisional entre os tempos do czar e os de Kerensky era a permissão da leitura dos jornais aos que estavam no meu caso.

A aventura do general cossaco foi um desastre. Seis meses de Revolução tinham inculcado ânimo suficiente e davam às massas força bastante para resistir a todas as tentativas contrarrevolucionárias. Os partidos coligacionistas assustaram-se fortemente com as possíveis consequências da intriga de Kornilov, ameaçadora não só para os bolchevistas, mas também para os grupos que dominavam o novo regime. Os socialistas revolucionários e os mencheviques, pensaram então, que seria oportuno dar legalidade ao bolchevismo ainda que o tivessem feito só em parte e com muitíssimas reservas, fugindo assim a futuros perigos.

Mesmo os marinheiros de Kronstadt acusados de salvadores e contrarrevolucionários depois das jornadas de julho foram chamados à Capital para defenderem a Revolução contra o perigo que a ameaçava. Compareceram imediatamente e olvidados¹⁴ os agravos anteriores, tomaram o posto mais perigoso. Pude então recordar a Tsereteli as palavras que disse quando este homem insultava os marinheiros de Kronstadt: “no dia em que um movimento contrarrevolucionário generalizado quisesse estrangular a Revolução, os cadetes prepararão a força e os marinheiros de Kronstadt virão salvá-la e morrer conosco.”

O levante de Kornilov encontrou em toda a parte um sovetismo cheio de vitalidade que se lhe opôs com todas as forças. Quase não houve luta. As massas revolucionárias não faziam senão paralisar os movimentos do conspirador. Assim como em julho, os coligacionistas não tinham encontrado um soldado da guarnição que lutasse contra nós na capital, Kornilov não encontrou um soldado da frente que avançasse contra a Revolução. Tudo o que conseguiu foi obra do engano e a ação dos propagandistas terminou bem depressa com a manobra.

A julgar pelo que dizia a imprensa, eu esperava um rápido desenvolvimento dos acontecimentos e próxima a entrega da autoridade governamental aos Sovietes. O desenrolar da força e da influência dos bolchevistas era indubitável e acabava de receber novo impulso. Os bolchevistas tinham sido adversários da coligação, tinham-se mostrado hostis à ofensiva de julho e, por último, tinham anunciado o levante de Kornilov. As massas populares podiam verificar que tínhamos acertado.

Durante os instantes críticos da aventura de Kornilov, quando a divisão Selvagem do Cáucaso marchava sobre Petrogrado, o Soviete da capital, com o consentimento forçado do Governo, deu armas aos operários. Os regimentos chamados contra nós tinham-se transformado, em pouco tempo, na atmosfera ardente de Petrogrado e eram, agora, inteiramente nossos. A tentativa de Kornilov devia ter aberto os olhos ao exército sobre a impossibilidade de um novo

entendimento com os burgueses contrarrevolucionários. Por isso podia esperar-se que à derrota de Kornilov se seguiria um esforço imediato das forças revolucionárias guiadas pelo nosso partido, para conquistar o poder. Os acontecimentos, porém, desencadearam-se com mais lentidão.

Apesar da intensidade do sentimento revolucionário as massas estavam pouco animadas desde as jornadas de julho, e aguardavam passivamente o chamamento dos seus chefes. Mas eles também permaneceram na expectativa. A tudo isto se deveu que a voz de alerta dada pela aventura de Kornilov, ainda que alterando fundamentalmente a nosso favor a coligação das forças, não tenha produzido mudanças políticas imediatas.

II

Naqueles dias era indubitável o predomínio do nosso partido do Soviete de Petrogrado. A evidência do fato foi dramaticamente demonstrada ao constituir-se a mesa diretiva. Quando os socialistas revolucionários e mencheviques dominavam como senhores absolutos dos sovietes, fizeram os mais inimagináveis esforços para isolar os bolchevistas. Tínhamos a terça parte dos votos do Soviete de Petrogrado e, apesar disso, não admitiram qualquer representação do nosso partido na mesa diretiva. Mas ao mesmo tempo que o Soviete da Capital resolvia que o governo fosse exclusivamente sovieta, o que se conseguiu por insignificante maioria, pedimos que a mesa diretiva integrasse membros dos diversos grupos, de acordo com o princípio da representação proporcional.

A antiga junta do governo, de que faziam parte Cheidze, Tsereteli, Kerenky, Skobelev e Chernov, negou-se terminantemente a aceitar nossa proposta. A questão por nós apresentada na altura foi objeto de uma reunião especial. Todos nos preparávamos para a luta mobilizando as nossas forças e alistando as nossas reservas. Tsereteli pronunciou um discurso programa e disse que a constituição da Junta Diretiva era assunto de simples administração. Nós, por outro lado, acreditávamos ter metade dos votos da assembleia, considerando isto como

uma vitória, mas, com grande surpresa para todos, o resultado do escrutínio deu uma maioria superior a cem votos a nosso favor.

“Durante seis meses – disse Tsereteli –, estivemos nós à frente do Soviete de Petrogrado e marchamos de vitória em vitória. Esperamos que vós permaneçais pelo menos três meses no posto que ides ocupar”.

No Soviete de Moscou produziu-se mudança análoga e os sovietes provinciais uns após outros, foram passando para as mãos dos bolchevistas.

Entretanto aproximava-se o dia da convocatória do Segundo Congresso de todos os sovietes, mas o Comitê Executivo Central empenhava-se em que essa convocatória fosse marcada de um modo indefinido, com a esperança de que nunca se realizasse. Ninguém podia duvidar de que o nosso partido teria a maioria no novo Congresso e que a nova Comissão Executiva Central corresponderia à orientação dos partidos, privando os coligacionistas da cidadela em que estavam refugiados. A questão capital para nós consistia, portanto, na convocação do Congresso dos Sovietes. Os mencheviques e socialistas revolucionários pediam, por sua parte, uma Conferência Democrática, pois nela esperavam derrotar-nos e desfazer-se de Kerensky, que tinha uma atitude independente e pessoal. Elevado ao poder no primeiro período da Revolução, por obra do Soviete de Petrogrado, entrou no ministério sem qualquer resolução prévia do soviete sobre o assunto, ainda que posteriormente tenha aprovado o fato. Segundo o acordo do primeiro Congresso dos Sovietes, os ministros socialistas eram responsáveis ante o Comitê Executivo Central; os cadetes eram-no ante o próprio partido. Mas como as jornadas de julho criaram uma nova situação política ao Comitê Central por ter servido aos interesses da burguesia, os ministros socialistas ficaram dispensados de responder pelos seus atos perante os sovietes, com a finalidade de estabelecer uma ditadura revolucionária, segundo então se dizia. Também isto se deve recordar porque os mesmos que forjaram aquela ditadura oligárquica, gritam hoje contra a ditadura de uma

classe cobrindo-a de injúrias.

A contestação geral de Moscou em que se equilibravam ricos democratas, mediante uma escolha artificial, tinha como fim específico consolidar o poder de Kerensky sobre todas as classes e partidos. O programa realizou-se, ainda que só aparentemente, pois, na realidade, a Conferência de Moscou foi reveladora da impotência de Kerensky, indivíduo tão estranho às classes poderosas como aos democratas da pequena burguesia; mas como liberais e conservadores aplaudiram os seus parágrafos antidemocráticos e os coligacionistas fizeram-lhe uma grande ovação quando se mostrou cautelosamente desligado dos contrarrevolucionários, a impressão geral foi que era apoiado pelos dois partidos e que dispunha de uma autoridade ilimitada. Por isso ameaçou os operários e os soldados revolucionários e declarou que os perseguiria a sangue e fogo.

A sua política seguiu o caminho das conspirações, unido a Kornilov, tendo este se comprometido perante os coligacionistas. Tsereteli, com a sua característica vacuidade diplomática, falou dos fatores pessoais em política e da necessidade da sua limitação. Era esta a tarefa que incumbia à Conferência de Moscou, composta como estava pelos representantes dos Sovietes, dos Conselhos Municipais, dos Zemstvos¹⁵ e das associações de trabalhadores e sociedades cooperativas, selecionados com a maior arbitrariedade. Mas o problema principal era assegurar a tendência conservadora da reunião, dissolver os Sovietes e consolidar o poder mediante uma nova organização que impedisse o avanço da maré bolchevista.

A Revolução caracterizou-se pela mudança rápida efetuada na consciência de classe! Os grupos populares que adquirem experiência, fazem revisão às ideias clássicas, formam novos conceitos, depõem os antigos chefes, nomeiam outros e avançam com eles. Durante a Revolução as organizações democráticas estabelecidas sobre a complicada base do sufrágio

15 Administração local: vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação.

universal, ficam inevitavelmente fora do desenvolvimento das ideias políticas das massas. Mas isto não ocorre com os soviets. Estes dependem diretamente de grupos orgânicos, como oficinas, fábricas, minas, companhias, regimentos, etc. É certo que nestes casos não existem as garantias legais de uma eleição compactada com exatidão, como no caso dos Conselhos Municipais e dos Zemstvos, mas há garantias mais importantes do contato direto e imediato do deputado com os seus eleitores. O membro da Deputação ou Zemstvo depende de uma massa amorfa de eleitores que lhe entrega o poder por um ano e lhe retira imediatamente. Os eleitores do Soviet, pelo contrário, permanecem constantemente ligados uns aos outros pelas próprias condições da sua existência e do seu trabalho quotidiano. O deputado está sempre sujeito à fiscalização direta dos eleitores e em qualquer momento, estes podem dar-lhe novas instruções, censurá-lo, até revogar o seu mandato e nomear outro.

III

A Conferência democrática convocada por Tsereteli e seus amigos em meados de setembro era puramente artificial e consistia numa combinação das representações dos Soviets e dos órgãos do governo local, numa proporção preponderante para os partidos coligacionistas. Fizeram tanta confusão e mostraram tal incapacidade que a Assembleia acabou tristemente.

A burguesia capitalista viu aquela conferência com requintada animosidade e considerou-a como tentativa para a desalojar da posição adquirida na Junta de Moscou. Por outro lado, os trabalhadores revolucionários e as massas de soldados e camponeses condenaram antecipadamente os métodos usados para a sua convocação.

Os coligacionistas dedicaram-se à formação de um gabinete responsável; porém fracassaram. Kerensky não aceitava o princípio da responsabilidade nem permitia que se aplicasse, porque a burguesia que lhe dava apoio não o

deixava avançar neste sentido. No momento isso era bastante e a burguesia não exigiu mais. A conferência não resolveu o problema da coligação. O número de votos favoráveis à aliança com a burguesia foi excedido apenas pelo que se deu contra todas as coligações; a coligação com os cadetes foi vencida por maioria de votos. No entanto fora dos cadetes, não havia nenhum burguês com quem se pudesse fazer uma coligação. Tsereteli explicou o fato perante a Assembleia. Pior para ela se o não entendia! Foi assim que nas costas da Assembleia se abriram negociações com os cadetes vencidos pelo voto terminante da mesma. Inventou-se o logro de os tratar não como membros de um partido, mas como personalidades individuais. As pressões da direita e da esquerda obrigaram os democratas da pequena burguesia a submeter-se a esta situação ridícula, demonstradora da sua incapacidade.

A Conferência Democrática elegeu um Conselho, acordando em agregar-lhe alguns representantes da burguesia. Este Parlamento Provisório preencheria a lacuna até à reunião da Assembleia Constituinte. O novo ministério de coligação, contrário ao plano primitivo de Tsereteli, ainda que inteiramente conforme ao da burguesia, devia conservar-se independente do Parlamento Provisório. Tudo isso dava a impressão de um monstro lamentável obra de cabeças desequilibradas. Via-se claramente a submissão da pequena burguesia, aquela mesma burguesia liberal que há menos de um mês tinha aguentado abertamente a tentativa contrarrevolucionária de Kornilov. Em suma, tudo se reduzia a restaurar e conservar a coligação com a burguesia liberal. Ninguém podia duvidar já que, prescindindo mesmo da composição futura da Assembleia Constituinte, o poder governamental ficaria nas mãos da burguesia, pois os partidos coligacionistas, desconhecendo as correntes de opinião, tinham o firme propósito de continuarem unidos aos cadetes e consideravam impossível formar um governo que não fosse sustentado pela burguesia.

Complicações na situação interna

I

Entretanto a situação interna complicava-se. A guerra continuava sem qualquer objetivo, sem direção, sem perspectiva certa. O governo não conseguia libertar-se daquele círculo vicioso. O plano de enviar Skobelev¹⁶ para tentar influenciar em Paris sobre o imperialismo dos aliados, foi tão grotesco que ninguém lhe deu a menor importância. Kornilov entregou a cidade de Riga aos alemães para acalmar a opinião pública e aproveitar a conjuntura para estabelecer uma disciplina de ferro no exército. A ameaça que espreitava sobre Petrogrado era olhada com evidente malignidade. Rodzianko, antigo presidente da Duma, dizia claramente que não seria uma perda lamentável a entrega da desmoralizada Petrogrado aos alemães. Recordava-se o caso de Riga onde os alemães com a ajuda da antiga polícia dissolveram os Sovietes e restabeleceram a ordem. Perder-se-ia a frota do Báltico; mas a frota do Báltico estava desmoralizada pela propaganda revolucionária; isto diminuía a importância da perda. Tal cinismo na boca de tão grande senhor, era a fiel expressão dos pensamentos ocultos da burguesia. A entrega de Petrogrado não seria realmente a sua perda, pois poderia recuperar-se num tratado de paz. Entretanto o militarismo alemão exercia a ação disciplinar. A Revolução ficaria decapitada e posteriormente não haveria dificuldade para a dominar.

O Governo de Kerensky não tinha a intenção de defender a capital. Preparava-se a opinião para a entrega de Petrogrado. As repartições públicas passavam-se para Moscou e outras cidades.

Eram estas as circunstâncias quando os soldados do Soviete de Petrogrado fizeram uma reunião geral. Dominava uma grande agitação e os ânimos estavam muito alterados.

16 Matvei Ivánovitch Skóbelev, menchevique, vice-presidente do Soviete de Petrogrado em 1917 e ministro do Trabalho no Governo Provisório.

Se o Governo reconhecia a sua incapacidade para defender a Capital, devia fazer a paz, era preciso avançar. Em resumo era esta a opinião dos soldados. Foi este o primeiro sinal da Revolução de Novembro.

Na frente a situação complicava-se dia a dia. O outono anunciava-se com frio e chuva. O exército antevia a perspectiva de uma quarta campanha de inverno em que a lama sucederia a neve e em que seriam cada vez mais escassas as provisões. Ninguém pensava nos soldados. Não lhes enviavam provisões, nem reforços, nem agasalhos. As deserções aumentavam dia a dia. As antigas comissões do exército nomeadas nos primeiros dias da Revolução continuavam nos seus postos e apoiavam a política de Kerensky. A reeleição era proibida. Assim apareceu um abismo entre as comissões do Exército e os soldados até que estes, finalmente acabaram por detestá-las. Todos os dias apareciam delegações que interrogavam abertamente o Soviete. Como resolver a situação? Que espécie de guerra é esta e quem lhe dará o termo? Por que se cala o Soviete de Petrogrado?

II

O soviete de Petrogrado não estava silencioso. Pedia a mudança imediata do poder para o Soviete Central e sovietes locais, a divisão das terras pelos camponeses, o estabelecimento dos domínios dos operários sobre a indústria e a abertura de negociações de paz.

Enquanto éramos da oposição tínhamos este grito de guerra; todo poder para os sovietes. Mas quando constituímos uma maioria relativamente a eles, ou aos principais, começamos a lutar por conseguir o poder.

Nos campos a situação era extremamente complicada e confusa. A Revolução oferecera as terras aos camponeses, mas proibiu que se apoderassem delas até a reunião da Assembleia Constituinte. Os camponeses aguardaram pacientemente ao princípio; quando deram sinais de atividade, o Governo

da Coligação apelou para medidas repressivas. A reunião da Assembleia constituinte era uma perspectiva cada vez mais remota. Realizavam-se as nossas previsões dos primeiros dias da Revolução. Efetivamente os camponeses apropriavam-se das propriedades pela força. Eram cada vez mais frequentes e mais severas as medidas de repressão. Muitos membros das Comissões revolucionárias dos camponeses estavam na cadeia. Kerensky tinha proclamado o estado de sítio em alguns distritos. Os delegados das aldeias começaram a apresentar-se em Petrogrado e queixavam-se de que eram perseguidos por aplicar o programa do Soviete no que se referia à repartição das terras. Pediam a nossa proteção. Respondíamos que só poderíamos fazer algo em seu favor quando o poder estivesse nas nossas mãos. A situação era tal que, para impedir a degeneração dos sovietes em centros de discussão acadêmica, tínhamos de esforçar-nos por alcançar o poder.

Os nossos amigos mais moderados diziam que era absurdo começar a campanha, mês e meio ou dois meses antes da reunião da Assembleia Constituinte; mas nós não estávamos influenciados pelo fetichismo da Assembleia. Primeiramente ninguém garantia que a Assembleia Constituinte seria convocada, pois a desorganização do exército, a deserção em massa, que estava à vista, o caos da distribuição de alimentos e a revolução agrária criavam uma atmosfera bem pouco propícia para eleições. Além disso, essas eleições representavam uma ameaça que tornava impossível a convocação. Em segundo lugar, ainda que reunisse a Assembleia Constituinte sob a direção dos velhos partidos, não podia ser senão uma reunião protecionista e confirmadora do princípio de coligação. Nem os socialistas revolucionários, nem os mencheviques eram capazes de impor a sua autoridade a não ser apoiados pela burguesia.

III

Todo poder aos Sovietes.

Era este o grito de guerra do nosso partido.

Até há pouco para os socialistas revolucionários e mencheviques, isto significava autoridade completa, contra a ideia de coligação e de participação com a burguesia liberal. Mas, em Novembro de 1917, a nossa petição implicava a supremacia completa do proletariado revolucionário sob a chefia do partido bolchevista. A questão debatida era a ditadura da classe operária que dirigia, ou antes, era capaz de dirigir os milhões de indivíduos das paupérrimas populações camponesas. Foi esse o significado histórico do levante de Novembro.

Desde os primórdios da Revolução insistíamos na necessidade inevitável de que toda a autoridade pública passasse aos Sovietes. Na sua maioria adotaram o nosso intento e, apesar de uma grande luta interna, fizeram seu o nosso desejo.

Nós preparávamo-nos para o Segundo congresso de todos os Sovietes no qual contávamos obter uma vitória completa. A Comissão Executiva Central era dirigida por Dan, pois Cheidze¹⁷, cauteloso, oportunamente, foi para o Cáucaso e a Comissão envidou todos os esforços para impedir a reunião do Congresso dos Sovietes. Após grandes esforços e apoiados por um grupo sovieta da Confederação Democrática, conseguimos, finalmente, a fixação de um dia para a reunião do nosso Congresso: 7 de Novembro, data eternamente memorável na história da Rússia e a maior de todas.

Como medida preliminar convocamos uma Conferência dos Sovietes das Províncias do Norte para Petrogrado, em que tomou parte a frota do Báltico e o Soviete de Moscou. Nesta conferência conseguimos a maioria. A direita, formada pela ala esquerda dos socialistas revolucionários, também nos apoiou. Iniciamos deste modo o levante de Novembro.

IV

Anteriormente a isto, porém, e antes da Conferência dos

¹⁷ Nikolay Semyonovich Chkheidze [1], presidente menchevique do Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado (até setembro de 1917).

Soviets do norte, algo aconteceu de influência considerável e próxima na política.

Em meados de outubro apresentou-se numa sessão da Comissão Executiva um representante sovieta agregado ao Distrito Militar de Petrogrado, dizendo que o Quartel General solicitava o envio de dois terços da guarnição da capital para as trincheiras. Qual o objetivo desta medida? A defesa de Petrogrado¹ A ordem não se cumpria imediatamente, mas tornava-se indispensável fazer os preparativos para tanto. O Distrito Militar pedia que o sovieta de Petrogrado aprovasse esta medida. Nós apuramos o ouvido. Já em fins de agosto tinham sido tirados da capital cinco regimentos revolucionários por indicação de Kornilov, então comandante geral, que na calada, preparava a sua Divisão Caucásica de selvagens para se apoderar da cidade revolucionária.

Por isso e por experiência, conhecíamos o significado de uma redistribuição de forças, realizada com o pretexto de operações militares. Não é descabido antecipar que segundo documentos autênticos vindos para nosso poder depois da Revolução de Novembro, a projetada evacuação parcial de Petrogrado era alheia em absoluto às operações militares, sendo imposta ao general Dujonin contra sua vontade, só porque o próprio Kerensky estava ansioso por ver a cidade liberta de soldados revolucionários, isto é, de indivíduos pessoalmente hostis ao ditador.

Isto não se conhecia em meados de outubro e as nossas suspeitas provocaram uma tempestade de indignação patriótica. O comando militar dirigia-nos prementes ameaças. Kerensky, muito impaciente, sentia o solo fugir-lhe debaixo dos pés. Não tínhamos pressa em responder. É verdade que Petrogrado corria perigo e a terrível questão da sua defesa preocupava-nos em extremo. Porém, depois do sucedido nos dias de Kornilov e depois das palavras de Kodzianco sobre a ocupação temporária da cidade pelos alemães, que nos garantia que Petrogrado não seria entregue aos inimigos, como sanção penal pelo seu espírito de rebeldia?

A Comissão Executiva não consentia no envio dos dois terços da defesa de Petrogrado sem antes examinar detidamente o assunto. Pedíamos provas reais do fundamento de tal pedido e que se criasse um organismo capaz de estudar os fatos. Assim nasceu a ideia de estabelecer junto à seção dos soldados dos Sovietes, isto é, junto à representação política da guarnição, um órgão puramente ativo, ou seja, a Comissão Militar Revolucionária que posteriormente adquiriu um poder enorme e foi praticamente o instrumento da Revolução de Novembro. Quando propusemos a criação de um órgão concentrador da direção militar da guarnição de Petrogrado, constatamos que forjávamos uma arma revolucionária de inapreciável valor. Já nessa altura, deliberadamente e sem o ocultar, caminhávamos para o levante e organizamo-nos com esse fim.

A abertura do Congresso dos Sovietes foi fixada para o dia 7 de Novembro e já não restava qualquer dúvida de que a Assembleia se declarava partidária da entrega do poder aos soviets. Mas havia necessidade de efetivar a resolução, para que não ficasse em simples frase sem sentido.

A lógica da situação parecia indicar que o nosso levante se efetuasse a 7 de Novembro. Os jornais burgueses assim insinuavam. Mas a sorte do Congresso dependia, em primeiro lugar, da guarnição de Petrogrado. Permitiria este que o congresso fosse rodeado por Kerensky com algumas centenas ou milhares de oficiais e sargentos, com batalhões de toda a confiança?

O simples fato de pretender que a cidade fosse desocupada, não seria um indício mais certo de que o Governo preparava a dissolução do Congresso dos Sovietes? O contrário teria sido muito estranho, já que a nossa mobilização se fazia publicamente, à vista do país, reunindo as forças de todos os Sovietes para infligir o golpe mortal à coligação.

A isto se deveu que o conflito fosse provocado pela questão das tropas de Petrogrado. Por isso os soldados tinham muito interesse no assunto; mas não era menor o interesse dos operários, pois os cossacos e oficiais caíam sobre as massas

revolucionárias com todas as suas forças, uma vez os soldados fora da cidade. O conflito aproximava-se da sua fase decisiva e o modo como se apresentava oferecia um aspecto muito desfavorável para Kerensky.

Paralelamente ao problema da guarnição, desenrolava-se a luta pela convocação do Congresso dos Sovietes. Nós proclamávamos abertamente em nome do Soviete de Petrogrado e em nome da conferência dos Sovietes do Norte, que o segundo Congresso liquidaria o governo de Kerensky e se assenhorearia da Rússia. O levante estava iniciado e desenvolvia-se em todo país.

Entre todas foi esta a questão principal que ocupou o nosso partido durante o mês de outubro. Lenin, oculto na Finlândia, escrevia frequentemente e insistia na adaptação de uma tática mais audaz. A fermentação das fileiras aumentava e crescia o descontentamento, porque o povo não via a realização das fórmulas do partido bolchevista, apesar de este contar com a maioria dos Sovietes.

No dia 28 de Outubro houve reunião secreta da Comissão Central do nosso partido. Lenin esteve presente. O assunto do levante figurava na ordem do dia. Por enorme maioria contra dois votos somente, foi decidido que o levante armado era o único meio de salvar a Revolução e o país. Os Sovietes deviam apoderar-se de toda a autoridade.

O Conselho Democrático

I

Nascido da Conferência Democrática, o Conselho Democrático foi o herdeiro da sua incapacidade. Os antigos partidos soviéticos, socialista revolucionário e menchevique, tinham conquistado uma maioria artificial no Conselho, que não servia para evidenciar a invalidez da sua política. Nos bastidores Tsereteli fazia complicadas negociações com Kerensky e com os representantes dos elementos conciliados, como lhes chamavam no conselho para evitar outro termo burguês, julgado como insulto. As informações de Tsereteli sobre o progresso e resultado das suas negociações, pareciam uma oração fúnebre junto ao túmulo da Revolução. Via-se claramente que nem Kerensky, nem os elementos conciliados, concordariam na aceitação do princípio de responsabilidade ante o novo organismo semi-representativo.

Era impossível encontrar homens práticos fora do partido dos cadetes. Os organizadores da empresa tiveram de transigir em ambos os pontos, fato tanto mais significativos quanto a Conferência Democrática havia sido convocada precisamente para acabar com o regime de irresponsabilidade e a Assembleia tinha desfeito toda a coligação com os cadetes.

Nas últimas reuniões, das poucas que o conselho Democrático fez antes da nova Revolução havia uma atmosfera irrespirável, de incapacidade e desconfiança. O Conselho não reparava nos progressos da Revolução, mas apenas na dissolução dos partidos provocada por ela.

Eu já tinha apresentado no nosso partido o problema de se abandonar ostensivamente a Conferência e de excluir o conselho Democrático. Era necessário mostrar às massas que os coligacionistas tinham levado a Revolução até um beco sem saída. A luta em prol da formação de um Governo soviético somente seria possível com métodos revolucionários. Impunha-se arrancar a autoridade das mãos daqueles que se mostravam

incapazes de a conservar e que já começavam a perder aptidão a ponto de causarem estragos.

O nosso sistema político devia consistir na mobilização de forças em volta dos Sovietes e no levantamento armado, para enfrentar o sistema dos nossos adversários que os levava ao Parlamento Provisório, astuciosamente escolhido, e a uma possível Assembleia Constituinte.

O programa proposto por mim só poderia realizar-se rompendo aberta e publicamente com o organismo criado por Tsereteli e seus amigos e concentrando toda a atenção e força nas massas operárias nas organizações soviéticas.

Por isso propus a saída aparatosa da Conferência Democrática e a agitação revolucionária em fábricas e quartéis, para que não fosse adulterada a vontade revolucionária e se impedisse a pretendida fusão com a burguesia.

Lenin era da minha opinião, segundo carta recebida poucos dias depois. Mas os chefes do partido revolucionário vacilavam. As jornadas de julho tinham deixado uma impressão muito profunda nos ânimos dos nossos correligionários. Os operários e soldados tinham conseguido refazer-se do efeito desmoralizador produzido pela repressão, muito mais rapidamente do que os nossos companheiros. Com efeito estes acreditavam que outra tentativa prematura daria ocasião para que o adversário destruísse a força revolucionária.

Quando fomos à Conferência Democrática eu obtive cinquenta votos para a proposta que condenava toda a participação no Conselho Democrático, tendo aparecido setenta votos contra. Mas o conhecimento objetivo do Conselho robusteceu a ala esquerda do partido. De qualquer maneira parecia evidente que o sistema de convênio cujo fim era dar direção revolucionária às classes conciliadas amparadas pelos coligacionistas, já sem voz entre as massas, não era o melhor procedimento para sair da embrulhada em que os democratas da pequena burguesia nos introduziram.

Quando o Conselho Democrático reforçado com representantes das classes ricas, se transformou em Parlamento

Provisório, já o nosso partido estava apto para a ruptura.

II

A dificuldade, agora, residia em saber se os socialistas revolucionários da esquerda nos acompanhariam. O grupo estava em período de formação, o que significava incerteza e lentidão para o nosso objetivo. Durante o primeiro ímpeto da Revolução o partido socialista revolucionário era, de todos, o mais forte. Os camponeses e soldados e ainda grande maioria dos operários votavam pelos socialistas revolucionários. Popularidade inesperada para os que dela desfrutavam, mais uma vez pareceu que o partido iria naufragar nas ondas da própria vitória. Toda a gente queria alistar-se sob a bandeira dos socialistas revolucionários, exceto, como é natural, os capitalistas, os grandes proprietários e os intelectuais de alta posição. Isto passava-se durante o primeiro período da Revolução, quando as diferenças de classes não estavam ainda bem definidas, quando o desejo comum de unificação da frente se exprimia num programa nebuloso de um partido disposto a amparar as reivindicações da classe operária, temente de perder os contatos com os camponeses; daqueles que pediam terras e liberdade; dos intelectuais, desejosos da chefia de ambas as classes, e dos elementos oficiais, empenhados em adaptar-se a uma nova ordem de coisas. No tempo do czarismo, Kerensky esteve filiado no Partido do Trabalho e da vitória alcançada pela Revolução, entrou no dos socialistas revolucionários, aumentando deste modo a popularidade do grupo, pois Kerensky parecia avançar até ao poder. Muitos generais e coronéis, por adesão ao ministro da Guerra, alistaram os seus nomes no partido dos que tinham sido chamados terroristas. Os velhos socialistas revolucionários, que pertenciam à escola dos intransigentes começara a sentir-se comprometidos na companhia de tantos socialistas revolucionários de Março, que dizer, de socialista revolucionário que adormecendo conservadores acordavam revolucionários.

Na sua massa amorfa o partido incluía não só

as contradições internas próprias do desenvolvimento revolucionário, mas também as inerentes aos preconceitos das incultas massas campesinas, bem como as provenientes do sentimentalismo, falta de estima e ambição dos intelectuais. Com aqueles elementos o partido não poderia conservar-se.

Sob o ponto de vista ideológico foi manifesta a sua dependência desde o dia em que se organizou.

Na iniciação revolucionária do país o papel principal foi dos mencheviques. Estes homens tinham aprendido na escola marxista, aproveitando certos métodos e hábitos de que se valeram para sortear as dificuldades políticas, adulterando teoricamente o sentido da luta de classes até ao ponto de obter, sempre que as novas condições o permitiam, a supremacia do liberalismo burguês. Nos dias da Revolução de Novembro o menchevismo era já simples expressão política.

Por seu turno os socialistas revolucionários perdiam rapidamente a sua influência primeiro entre os operários, depois nos campos. Contudo a Revolução de Novembro encontrou-os bem fortes de número, e com uma aparência dominadora que desmentia os antagonismos internos. A ala direita em que preponderavam patriotas como Catalina Bresdco-Breshkovskaya e Boris Savinkov, acabou por aderir aos contrarrevolucionários. Ao contrário, começou a formar-se uma ala esquerda querendo manter-se em contato com as classes trabalhadoras. Se atendermos a que o socialista revolucionário Avksentiev, ministro do Governo, ordenava a detenção dos membros das Comissões dos Camponeses, feitas de socialistas revolucionários na sua quase totalidade, por efetuarem a divisão das terras, apreciaremos o grau de desorganização desse partido.

Chernov¹⁸, chefe tradicional do partido, ocupava o centro. Escritor esperto, profundo conhecedor da literatura socialista, habilíssimo na tática das lutas políticas, assumiu sempre a chefia do partido enquanto a sua atividade se

18 Viktor Mikhailovich Chernov, um dos fundadores do Partido Socialista Revolucionário (SR) e principal ideólogo do partido.

relacionava com os exilados. A Revolução que durante o seu primeiro impulso levantara os socialistas revolucionários a uma altura incrível, automaticamente também elevou Chernov, mas apenas para manifestar a sua completa incapacidade, mesmo entre as personagens do período a que me refiro. As qualidades secundárias que asseguraram a Chernov uma preponderância durante o exílio, eram demasiado insignificantes para uma época revolucionária. Absteve-se de adotar resoluções comprometedoras, evitou ocasiões críticas, foi sempre contemporizador, e excluiu qualquer ação decisiva. Esta tática negativa assegurou-lhe o domínio de uma zona mestra entre os dois extremos, que cada vez mais se distanciavam. Mas já se tornou impossível unificar o partido, pois Savinkov, o antigo terrorista, implicado na tentativa de Kornilov, estava de muito boas relações com os círculos contrarrevolucionários dos oficiais cossacos. Preparava um golpe mortal contra os soldados e operários de Petrogrado, entre os quais havia alguns membros da esquerda socialista revolucionária, para obsequiar a esquerda o centro expulsou Savinkov do partido, mas não deu um único passo para combater Kerensky.

No Parlamento Provisório o partido apresentava-se como incoerente e até inverossímil. Os três grupos que o constituíam operavam em absoluta independência, ainda que unidos sob a mesma bandeira. A verdade é que nenhum daqueles grupos tinha uma noção clara do que se propunha. O predomínio do partido na Assembleia Constituinte, significava a continuação de uma política estéril.

III

Antes de abandonar o Parlamento Provisório onde tínhamos apenas cinquenta votos segundo a estatística de Kerensky e Tsereteli, organizamos uma reunião em que solicitamos o concurso da esquerda revolucionária. Não fomos atendidos, pois aquele grupo alegava que era preciso demonstrar a inutilidade do Parlamento junto da classe camponesa e que semelhante demonstração não podia fazer-se senão através de

uma experiência prática.

“A nossa obrigação é adverti-vos – disse um dos chefes – que se ides abandonar o Parlamento Provisório para sair à rua e empreender a luta de trincheiras, não os seguiremos”.

Com efeito, a imprensa burguesa e coligacionistas acusava-nos de intentar uma ruptura com o único fito de criar uma situação revolucionária. Assim não esperamos os socialistas revolucionários e resolvemos trabalhar com toda a independência. A declaração feita pelo nosso partido na tribuna do Parlamento Provisório para explicar a nossa separação daquele organismo, foi recebida com gritos de raiva, mas impotentes. Entretanto, dada a conhecer ao Soviete de Petrogrado foi aprovada por poderosa maioria. Martov, chefe do pequeno grupo de mencheviques internacionalistas, sustentou qual a nossa saída do Conselho Provisório da República, nome oficial da desacreditada instituição, seria compreensível no caso de nos propormos passar imediatamente à ofensiva contra o governo atual e não de outro modo. Era precisamente o que desejávamos fazer. Os agentes da burguesia liberal acertavam acusando-nos de tendências revolucionárias, pois a única saída que víamos para aquela situação desesperada era o levante armado e a tomada do poder público.

Das trincheiras chegavam delegados que diziam:

- Quanto tempo vai durar esta situação? Os soldados mandam-nos declarar que se no dia 15 de novembro não tiver sido tomada uma determinação no tocante à paz, abandonarão as trincheiras.

Efetivamente tal resolução tinha sido adotada na frente. De mão em mão, de um setor a outro, corriam panfletos escritos pelos mesmos soldados em que se punha como limite máximo o aparecimento das primeiras neves.

E os delegados do exército apontavam:

- Esqueceste-nos por completo. Se não encontrardes uma resolução satisfatória, viremos com as baionetas preparadas não só para atacar os nossos inimigos, mas também

a vós.

Poucas semanas depois o soviete de Petrogrado, onde tais coisas se passaram era o centro de atração de todo o exército.

O Conselho Militar Revolucionário

I

Já me referi à formação de uma Comissão Militar Revolucionária dependente do Soviete de Petrogrado que, segundo os nossos cálculos, seria o Comando Sovietista da Guarnição para se opor à ação do comando de Kerensky.

Os doutrinadores do coligacionismo diziam que não podiam existir dois Comandos Gerais. Nós respondíamos assim: “Poderia tolerar-se uma situação em que a guarnição desconfiasse do comando por temer que a remoção de topas obedecesse a um plano contrarrevolucionário?”

Replicavam-nos, em resposta, que a criação de um novo Comando era uma insurreição declarada pois a comissão Militar revolucionária podia ter por objetivo, não já o exame das intenções das autoridades militares, mas também a preparação e execução de um levante contra o Governo.

O argumento era irrefutável e, precisamente por isso, estávamos impassíveis. Uma esmagadora maioria do Soviete considerava necessário derrocar o governo de coligação. Quanto mais convincentes eram as demonstrações dos mencheviques e socialista revolucionários sobre o caráter ameaçador da Comissão Militar, mais seguro seria o apoio do soviete a este organismo.

A Comissão Militar começou por nomear representantes em todas as seções da guarnição de Petrogrado e nas instituições mais importantes da Capital e dos subúrbios.

Entretanto soubemos que o Governo, ou melhor,

que os partidários do Governo, estavam a organizar forças. Corriam aos depósitos de armas oficiais e particulares para tirar espingardas, pistolas, metralhadoras e munições que repartiam entre os estudantes e empregados e, em geral, entre os jovens da burguesia. Por isso consideramos urgente tomarmos uma medida que se antecipasse aos seus planos. Nomeamos representantes que se responsabilizaram pelos depósitos de armas e munições e tornamo-nos senhores da situação sem que nos oferecessem qualquer resistência. É certo que os chefes encarregados da vigilância dos armazéns e os donos dos arsenais quiseram desconhecer a autoridade dos nossos representantes; mas bastou que eles apelassem para a Comissão Militar ou fizessem uma breve explicação aos proprietários para que terminasse toda resistência. Deste modo, a entrega das armas ficou na dependência direta dos nossos agentes.

Após o Congresso dos Sovietes reunido em junho e particularmente depois da manifestação do 1º de Julho em que patenteamos a força do bolchevismo, os partidos de coligação tinham já separado o soviete da Capital, para que não influenciasse os assuntos da cidade revolucionária. Começaram por confiar ao Executivo Central todos os assuntos que se relacionavam com a guarnição. Assim, não foi fácil a distribuição dos encarregados soviéticos, e só pode conseguir-se graças à cooperação das massas armadas. Um após outro, os regimentos declararam que só reconheceriam os agentes do Soviete de Petrogrado e que não dariam um só passo sem a aprovação destes agentes. A declaração foi feita após as reuniões em que falaram oradores de todos os partidos.

O organismo militar dos bolchevistas teve uma participação mais direta na nomeação dos agentes representantes. Tal obra não teria sido possível sem a propaganda feita por aquele organismo antes das jornadas de julho. É preciso recordar que no dia 18 do referido mês, o batalhão de ciclistas, levado até a capital por Kerensky atacou a casa de campo da menina Krzeszinka, onde o nosso centro militar tinha os escritórios. Foram presos quase todos os

chefes e muitos membros do centro militar bolchevista, todos os documentos caíram nas mãos da força inimiga e foram destruídas as máquinas de imprimir. O partido não voltou a ter meios de propaganda até conseguir instalar tipografias ocultas, muito tempo depois.

O organismo militar a que me venho referindo compunha-se de umas centenas de indivíduos pertencentes à guarnição de Petrogrado, entre os quais muitos oficiais jovens e soldados resolutos e absolutamente agregados à Revolução. Entre todos distinguiam-se os aspirantes a quem Kerensky conservou sob prisão em julho e agosto. A Comissão Militar Revolucionária depositava plena confiança nestes elementos dando-lhes os postos mais importantes para fins de propaganda.

Precisamente os membros do organismo militar bolchevistas foram os mais cuidadosos quando se tratou do levante de novembro e ainda demonstravam ceticismo quanto aos resultados. Com um caráter exclusivamente militar, aquele organismo inclinava-se involuntariamente a colocar acima de tudo os meios técnicos da insurreição e não podia negar-se, à nossa situação, grande debilidade sob este ponto de vista. A nossa força estava no espírito revolucionário das massas e na sua resolução de lutar sob as nossas bandeiras.

II

Simultaneamente com a obra de organização prosseguia sem descanso, a de agitação. Realizavam-se frequentes reuniões nas fábricas, no Circo Moderno e no de Ciniselli, nos centros políticos e nos quartéis. A atmosfera dessas reuniões estava carregada de eletricidade. A palavra insurreição era saudada com tempestades de aplausos e gritos de aprovação.

O estado de alarme público ainda mais se intensificava pela propaganda da imprensa burguesa. A ordem expedida por mim para que a Fábrica de Armas de Sestroretski entregasse 5.000 espingardas à Guarda Vermelha, espalhou o pânico na burguesia. De viva voz e por escrito, anunciava-se uma matança

geral preparada pelo bolchevismo. Como é de supor, isto não impedia que os operários da Fábrica Sestoretisky dessem armas à Guarda Vermelha. Enquanto rugia furiosamente a imprensa burguesa, as massas acudiam ao nosso chamamento com maior entusiasmo.

As duas fações, de dia para dia, viam mais claramente que se aproximava o momento decisivo. A imprensa menchevistas e socialista revolucionária estava frenética. Todos os seus órgãos repetiam: “A Revolução corre um perigo eminente! Prepara-se uma repetição dos dias de julho, em escala muito maior, cujos resultados serão incalculavelmente ruinosos”.

No seu jornal *Novaya Zizn* (Nova Vida), Gorki profetizava diariamente o fim da civilização.

Os intelectuais da burguesia começavam a achar muito pálido o vermelho do Socialismo e tremiam ante a proximidade da rígida ditadura proletária. Por seu lado, os soldados, mesmo os dos regimentos pouco avançados, aclamavam entusiasticamente os agentes da Comissão Militar Revolucionária.

O comando do distrito militar de Petrogrado entrou em negociações conosco e propôs uma transação. Aceitamos as conversações e ameaças e acabou por declarar que os nossos agentes eram ilegais o que, no entanto, não impedia a obra a que se tinham dedicado. Depois de tudo isto a comissão Executiva Central, de acordo com o comando de Petrogrado, nomeou o capitão Malevsky, representante superior da Guarnição e consentiu em reconhecer os nossos representantes desde que se submetessem à autoridade de Malevsky. Desfeita esta proposta, as negociações ficaram suspensas e não se renovaram, embora se empenhassem nelas eminentes socialistas revolucionários e mencheviques, de quem recebemos advertências oficiais, umas vezes ameaçadoras, outras em tom persuasivo, predominando uma nota pessimista sobre o fim próximo da Revolução.

O Soviete de Petrogrado

I

Já estava em poder do Soviete de Petrogrado e do nosso partido o edifício Instituto Smolny. Os mencheviques e socialistas revolucionários da direita tinham-se trasladado para o Palácio Marie, onde agonizava o recém-nascido Parlamento Provisório.

Kerensky pronunciou um grande discurso nesta Assembleia. Com frases históricas, recebidas pela burguesia com ruidosos aplausos, quis esconder a impotência do regime a que presidia.

O Comando Militar fez uma tentativa suprema. Dirigindo-se a várias unidades da guarnição convidou-as a que nomeassem delegados, dois por cada unidade, com o fim de discutir a retirada das tropas. Esta conferência deveria efetuar-se a 4 de novembro às treze horas.

Os regimentos informaram-nos do convite. Nós, então convocamos telefonicamente uma junta da guarnição de Petrogrado, para as onze da manhã. Houve quem fosse ao comando, mas apenas para declarar que, sem autorização do Soviete, as tropas não dariam um passo para fora da cidade. A junta da guarnição reafirmou unanimemente a sua lealdade à comissão Militar Revolucionária. A única oposição encontrada procedia dos antigos grupos soviéticos, mas não teve eco entre os delegados dos regimentos. Em suma: a tentativa do comando serviu somente para demonstrarmos que pisávamos terreno firme. Despertou a atenção que entre os nossos partidários mais entusiastas figurasse o regimento de Volínia, que na noite de 16 para 17 de julho tinha marchado com música e bandeiras para dissolver os bolchevistas no Palácio de Táurida.

A Comissão Executiva Central tinha-se apoderado dos fundos e da Imprensa do Soviete de Petrogrado. Todos os esforços dispendidos pela sua recuperação resultaram inúteis. Por isso, em meados de outubro, começamos a dar as voltas necessárias para fundar um jornal independente, órgão do

soviete. Ocupadas como estavam todas as tipografias, não tínhamos entrada nelas.

Para resolver a situação fixamos o Dia do Soviete, no qual faríamos ampla propaganda e recolheríamos fundo destinados à publicação do nosso jornal. Este acordo foi realizado em meados de outubro e marcada a data de 4 de novembro. Assim coincidiu com os rumores públicos sobre o movimento que rebentaria proximamente. A imprensa inimiga dizia que em novembro os bolchevistas armados sairiam para as ruas. Ninguém o duvidava e apenas a data era discutível. Foram inúteis todos os esforços enviados para chegarem a uma predição exata, a fim de nos arrancarem a certeza ou uma negativa. O soviete agia com serenidade e confiança, não se importando com os rugidos da opinião burguesa.

No dia 4 de novembro realizou-se a revista às forças do exército proletário. Rodaram esplendidamente, em todos os sentidos, as horas desse dia. Apesar das advertências da direita, que falavam de rios de sangue nas ruas de Petrogrado, toda a gente tomou parte na reunião do Soviete. Valemo-nos de toda a nossa força oratória. O público era numerosíssimo e as reuniões prolongaram-se por muitas horas. Além dos oradores do nosso partido falaram os delegados vindos de todo o país para tomar parte no congresso dos Sovietes. Não faltaram representantes do exército em campanha e houve discursos de socialistas revolucionários e de anarquistas. As salas estavam cheias de operários e soldados. Poucas vezes se vira tanta animação em Petrogrado.

Uma grande parte da pequena burguesia estava particularmente inquieta. Se não os assustava o que viam, inquietavam-se pelos vaticínios da imprensa burguesa. Agrupavam-se milhares de indivíduos em frente ao Palácio do Povo, penetravam pelos corredores e enchiam as salas. Nas colunas penduravam-se pessoas como cachos de uvas. A atmosfera sacudida por correntes elétricas, semelhante aos dias mais críticos de toda a Revolução.

Morra o governo de Kerensky!

Viva a paz!

Viva o governo soviético!

Tais eram os gritos que ressoavam no edifício. Não aparecia sequer um partidário dos antigos grupos que se atrevesse a afrontar as iras daquela manifestação colossal. O triunfo do Soviete de Petrogrado era único. Na realidade a campanha tinha terminado. Restava apenas dar um golpe gracioso no fantasma do governo.

II

Alguns amigos, cautelosamente, advertiam-nos que determinadas unidades do exército estavam fora do movimento. Citavam os cossacos; o regimento de Cavalaria, os guardas de Semenov e o regimento de Ciclistas. Enviamos-lhes, imediatamente, agentes de propaganda e representantes. Recebemos informações satisfatórias. A atmosfera caldeava os espíritos. Os elementos mais tranquilos do exército não podiam resistir à influência da guarnição de Petrogrado.

Eu mesmo assisti a uma reunião do regimento de Semenov, organismo conceituado como uma das colunas do governo de Kerensky. Ali estavam também alguns dos mais eloquentes da direita lutando por ativar o espírito do regimento, última esperança do ministério de coligação. Mas tudo foi inútil. O regimento declarou-se a nosso favor por uma maioria surpreendente. Nem sequer proporcionou que os ministros terminassem os seus discursos.

Os principais inimigos das novas reivindicações eram os oficiais, os voluntários e os intelectuais. Os operários e camponeses estavam absolutamente do nosso lado. Era fácil traçar uma linha divisória. Uma linha sem sinuosidades.

A base militar de Petrogrado é a fortaleza de Pedro e Paulo. Para comandar esta posição destacamos um jovem oficial que bem depressa se mostrou digno daquele posto. Num só dia

se tornou dono da situação. A guarnição da legalidade ficou de lado, assumindo uma atitude de expectativa.

Por razões já apontadas, o regimento de ciclistas era considerado por nós unidade suspeita. No dia 5 de novembro, às catorze horas, fui à fortaleza. Havia uma reunião no pátio. Os oradores da direita falavam com muita cautela, evitando toda a alusão a Kerensky, cujo nome levantava gritos de indignação protesto, mesmo entre os soldados. Falando nós, escutaram-nos com amostras de muita adesão.

Às dezesseis horas os ciclistas tiveram uma reunião no Circo Moderno, próximo da fortaleza. Entre os oradores figurava o general Paradelov. As suas palavras foram também muito medidas. Já tinham passado os dias em que os oradores oficiais aproveitavam qualquer ocasião que se lhes deparava para nos chamar de traidores ao serviço do Kaiser. O primeiro ajudante do comando aproximou-se para me dizer: “Porque não chegamos a um acordo?” Era demasiado tarde. Depois do debate, todo o batalhão, com apenas trinta votos contrários se declarou a favor do partido sovieta.

III

O governo de Kerensky procurava apoio num e noutro lado. Chamou dois batalhões de ciclistas e uma bateria de morteiros da frente. Ordenou um aumento da cavalaria.

Durante a viagem os ciclistas telegrafaram ao Soviete de Petrogrado: “levam-nos a essa capital. Ignoramos o objetivo desta ordem. Queiram explicá-la”. Respondemos que detivessem a marcha enviando apenas uma delegação. Quando esta chegou, os seus membros declararam na junta do Soviete que o batalhão estava do nosso lado. Como é natural o entusiasmo aumentou e deram-se ordens para que o batalhão entrasse imediatamente na cidade.

O número de delegados da frente engrossava de dia para dia. Informavam-se da situação, recebiam folhetos de propaganda e voltavam para a frente, onde davam a conhecer

os esforços do soviete de Petrogrado para que o Governo passasse para o poder dos operários, soldados e camponeses.

“As trincheiras apoiam-vos”. Era a garantia que nos davam as delegações.

Entretanto, as antigas Comissões do Exército, reeleitas havia quatro ou cinco meses, enviavam telegramas ameaçadores. Ninguém lhes dava importância. Sabíamos perfeitamente que as Comissões não estavam em contato com as massas de soldados e que se encontravam no mesmo caso da comissão Executiva Central relativamente às assembleias soviéticas.

A Comissão Militar Revolucionária enviou agentes a todas as estações da estrada de ferro para que inspecionassem as entradas e saídas dos trens e, principalmente, para que reparassem no movimento das tropas. Tinham comunicações constantes, quer por telefone, quer por meio de viaturas com as cidades mais próximas e respectivas guarnições. Todo Soviete unido ao de Petrogrado devia impedir que a capital fosse tomada por tropas contrarrevolucionárias ou, pelo menos, dedicadas ao governo. Os empregados inferiores e os operários da estrada de ferro reconheciam o caráter oficial dos nossos agentes.

A 6 de novembro surgiu um conflito na Central Telefônica. Negaram a comunicação que pedíamos. Os alunos da Escola Militar tinham se apoderado do edifício e, protegidas por eles, as empregadas opunham-se. Esta foi a primeira manifestação de sabotagem que no futuro nos oporia a oficialidade e a burocracia. A Comissão Militar Revolucionária enviou um destacamento à Central Telefônica e colocou peças de artilharia ligeira à porta do edifício. Começou deste modo o assalto às repartições públicas. Agrupamos pequenos destacamentos de marinheiros e guardas vermelhos no Telégrafo, nos Correios, e noutras repartições, enquanto dávamos os passos necessários para encontrar desprevenido o Banco do Estado.

O Centro Sovietista estabelecido no Instituto Smolny foi convertido em fortaleza. Na parte superior havia vinte e poucas

metralhadoras, legado da Comissão Executiva Central, que estavam mais ou menos abandonadas e cujos responsáveis não guardavam qualquer disciplina. Chamamos outro destacamento de metralhadoras que rodavam ao largo das galerias do Instituto nas primeiras horas da manhã. Alguns mencheviques e socialistas revolucionários que ainda estavam no edifício espreitavam pelas frinchas das portas, entre surpreendidos e assustados.

O Soviete e a guarnição organizavam reuniões quotidianas no Instituto.

Um pequeno aposento do terceiro piso, oculto num ângulo dos corredores era o local em que se reuniam os membros da Comissão Militar Revolucionária e onde, atualmente se encontravam em reunião permanente. Chegavam ali todas as notícias sobre movimentos de tropas, o espírito reinante entre soldados e operários, os progressos da propaganda nos quartéis, os estragos dos amotinadores, as conferências dos políticos burgueses, a vida no Palácio de Inverno, e as intenções dos antigos partidos soviéticos. Sabíamos tudo. Os nossos informadores eram operários, oficiais, porteiros de casas ricas, lacaios e até senhoras da alta sociedade. Alguns dos informadores apresentavam narrações ridículas; outros, informações da maior importância.

Aproximava-se o momento decisivo. Seria irreparável o que nele se passasse.

Na noite de 5 de novembro Kerensky foi ao Parlamento Provisório e solicitou a aprovação de uma série de medidas repressivas contra os bolchevistas. Mas no Parlamento Provisório reinava uma confusão lamentável, atingindo os limites da dissolução. Os cadetes compeliavam os socialistas revolucionários da direita para que aceitassem um voto de confiança; os socialistas revolucionários da direita faziam pressão sobre o centro; o centro vacilava; os socialistas revolucionários de esquerda faziam uma campanha de oposição. Depois de muitas conferências, discussões e vacilações, adotou-se a resolução da ala esquerda, condenando o movimento sedicioso do

soviete, ainda que a responsabilidade pesasse sobre a política antidemocrática do Governo.

O correio trazia-nos cartas, diariamente, em que se declarava que estávamos condenados à morte, que havia máquinas infernais, que o Instituto Smolny não tardaria em ir pelos ares, que seria inútil da nossa parte qualquer precaução, etc. A imprensa burguesa mostrava o seu ódio e o seu medo de forma violentíssima. Gorky, esquecendo completamente o Canto de Halcón, anunciava o seu jornal Novaya Zizn a proximidade da catástrofe.

Os membros da Comissão Militar Revolucionária não saíram do Instituto Smolny durante uma semana Inteira. Dormiam aos poucos estendidos em sofás e eram despertados para darem atenção aos correios exploradores, ciclistas e telegrafistas. As campainhas dos telefones tocavam sem descanso.

A noite mais agitada foi a de 6 para 7. De Pavlosk, informaram-nos pelo telefone que o Governo chamava dali os artilheiros e os alunos da Escola Militar de Peterhoff. Kerensky estava no Palácio de Inverno, rodeado de oficiais, subalternos e admiradores. Ordenamos pelo telefone, que fossem aguardadas por destacamentos leais as vias de acesso a Petrogrado e para que se fizesse intensa agitação entre as tropas convocadas pelo Governo. Se não retrocedessem movidas por persuasão, recorrer-se-ia à força. Falávamos pelo telefone sem ocultar os nossos planos que, naturalmente, eram conhecidos pelos agentes do Governo.

Soubemos que as entradas da capital estavam completamente resguardadas pelos nossos partidários. Os alunos da Escola Militar de Oranienbaum, durante a noite, conseguiram atravessar as nossas linhas, mas sabendo-o foi-nos fácil seguir os seus movimentos pelo telefone. Como medida de precaução chamamos uma companhia adicional que ficou nos arredores do Instituto Smolny. A nossa comunicação com as forças da guarnição era ininterrupta. Os regimentos tinham a vigilância dos nossos agentes. Cada unidade dispunha,

continuamente, de uma delegação às ordens da Comissão Militar Revolucionária, tanto de dia como de noite.

Deram-se ordens terminantes para serem reprimidas todas as manifestações dos “Cem Negros” ou qualquer tentativa de amotinação, empregando a força sem contemplações nem piedade. Durante a noite foram passando para o nosso poder os pontos mais importantes da cidade, dos quais tomamos posse quase sem resistência, sem luta e sem sangue.

No Banco do Estado havia sentinelas do Governo e um carro blindado; todavia os nossos destacamentos rodearam o edifício, a viatura de guerra caiu-nos nas mãos de surpresa e o Banco ficou à disposição da Comissão Militar Revolucionária, sem que fosse necessário disparar um só tiro.

O cruzeiro Aurora estava no Neva, abaixo dos ancoradouros da Companhia Franco-Russa em reparação. A bordo não havia qualquer proteção a não ser a da marinhagem, inteiramente ligada ao movimento revolucionário. Nos últimos dias de agosto quando Kornilov ameaçou Petrogrado, os marinheiros do Aurora foram chamados para proteção ao Palácio de Inverno. E mesmo quando eram hostis, em extremo, ao Governo, consideravam seu dever repelir o movimento contrarrevolucionário. Por isso ocuparam o Palácio sem uma única palavra de protesto. Passado o perigo, foram postos de lado. Nos dias críticos de Novembro a sua intervenção podia ser muito perigosa para o Governo; para a evitar foi ordenado que o cruzeiro abandonasse as águas de Petrogrado. A tripulação comunicou-nos a disposição do Ministro da Marinha e nós demos uma contraordem. O cruzeiro apenas esperava uma chamada para colocar todas as suas forças ao serviço do Soviete.

A conquista do Palácio de Inverno

I

Durante a madrugada de 7 de Novembro, os operários de ambos os sexos que trabalhavam na tipografia do partido correram ao Instituto Smolny participando que o governo tinha mandado sequestrar o nosso periódico mais importante e o novo órgão do Soviete de Petrogrado. As portas da tipografia estavam seladas por ordem do governo. A Comissão Militar Revolucionária, imediatamente deu uma contraordem, tomou sob a sua alçada os dois jornais e encomendou ao forte regimento de Volínia a honra de manter a liberdade da imprensa socialista protegendo-a contra qualquer tentativa do adversário. O trabalho recomeçou prontamente e os dois jornais apareceram à hora de costume.

O Conselho de Ministros prosseguia no Palácio de Inverno onde apenas se encontrava uma sombra do Governo. Politicamente tinha deixado de existir. No dia 7 de Novembro as tropas soviéticas rodearam gradualmente o edifício. Às treze horas, eu, como representante da Comissão Militar Revolucionária, anunciei no Soviete que o Governo de Kerensky tinha desaparecido e que, à espera da resolução do Congresso dos Sovietes, a autoridade pública seria assumida pelo organismo em cujo nome falava.

Poucos dias antes Lenin tinha saído da Finlândia e estava escondido num bairro operário dos arredores. Nesse mesmo dia 7 apareceu secretamente no Instituto Smolny. Julgando pelas notícias da imprensa pensava que tínhamos chegado a um acordo com o Governo de Kerensky. A imprensa burguesa tinha explorado de tal modo as suas profecias de insurreição, desfiles de soldados nas ruas, pilhagem, rios de sangue e confusão geral, que não constatou a própria insurreição quando ela se desenrolava. Presenciou as nossas negociações com o comando e tomou-as a sério. Entretanto, sossegadamente, sem lutas pelas ruas, sem tiros nem sangue, as dependências oficiais iam caindo em nosso poder e eram ocupadas pelos

soldados, marinheiros e guardas vermelhos, nos quais reinava uma perfeita disciplina e que obedeciam às ordens telefônicas emanadas de um aposento oculto no terceiro piso do Instituto Smolny.

Durante a noite, a segunda Assembleia soviética realizava a sua sessão preliminar.

Dan apresentou as informações da comissão Executiva Central. Em termos duros falou contra os rebeldes, os usurpadores, os autores da agitação, e pretendeu atemorizar a Assembleia vaticinando o fracasso inevitável da Insurreição que seria esmagada em um ou dois dias pelas tropas da frente. As suas palavras não persuadiram ninguém e eram totalmente impróprias para uma Assembleia que seguia com o maior entusiasmo a marcha vitoriosa do levante da guarnição.

Àquela mesma hora o Palácio de Inverno estava completamente cercado, se não já conquistado. De vez em quando disparavam pelas janelas para responder aos sitiadores que, lenta e cuidadosamente, cerravam o cerco. O Palácio foi atingido por algumas granadas da fortaleza de Pedro e Paulo e o ruído das explosões ouviu-se no Instituto Smolny.

Martov, cheio de indignação impotente, falava da guerra civil e referia-se especialmente ao cerco do Palácio de Inverno, onde havia – horror dos horrores - alguns membros do partido menchevista. Dois marinheiros acabados de chegar do teatro dos acontecimentos e que subiram à tribuna para informar, falaram contra Martov. Disseram o que entenderam sobre a ofensiva de julho, sobre a pérfida política do antigo governo, sobre o restabelecimento da pena de morte para os soldados, sobre os presos, sobre a ocupação de oficiais revolucionários e acabaram declarando que só queriam ou morrer ou vencer. Foram eles que nos deram notícias das primeiras vítimas do nosso partido, caídas na Praça do Palácio.

Toda a gente se levantou como se uma mola tivesse tocado todos os circunstantes e com uma unanimidade só possível em profunda intensidade moral de sentimentos, foi entoada uma marcha fúnebre. Nenhum dos presentes

a esquecerá. A reunião terminou violentamente pois era impossível continuar a discutir questões teóricas de governo, ouvindo o eco das bombas que soavam à volta do Palácio de Inverno, onde se decidia a sorte desse mesmo governo cuja política estava em causa.

A conquista do Palácio, sem dúvida, não foi empresa fácil. A indecisão na luta comunicava-se ao espírito de uma parte da assembleia. Os oradores da direita continuavam vaticinando nossa derrota. Toda a gente aguardava ansiosamente as notícias do Palácio de Inverno. Por último apareceu Antonov, chefe das operações. A sala ficou em profundo silêncio. O Palácio de Inverno tinha sido tomado. Kerensky fugiu. Os outros membros do Governo estavam presos na fortaleza Pedro e Paulo. Acabou assim o primeiro capítulo da Revolução de Novembro.

Os socialistas revolucionários da direita e os mencheviques num total de sessenta pessoas, décima parte da assembleia, abandonaram o salão em sinal de protesto. Não podendo fazer outra coisa “arremessaram toda a responsabilidade do que pudesse acontecer” sobre os bolchevistas e socialistas revolucionários da esquerda. Estes ainda vacilavam. O seu passado ligava-os ao partido de Chernov. A direita desse partido já se confundia com a pequena burguesia, com os seus intelectuais, com os aldeões apaziguados. Em questões importantes aquele grupo colocava-se ao lado da burguesia liberal contra nós. Os elementos mais revolucionários do partido que representavam as reivindicações sociais dos paupérrimos camponeses, inclinavam-se para o proletariado e seus órgãos. Contudo, temiam cortar o cordão umbilical que os unia ao antigo grupo. Quando da nossa saída do Parlamento Provisório negaram-se a seguir-nos e preveniam-nos contra o perigo das aventuras. A insurreição, porém, obrigava-os a tomar uma resolução a favor ou contra o Soviete. Se bem que vacilando, foram concentrando as suas forças do mesmo lado da barricada que nós ocupávamos.

II

Em Petrogrado a vitória foi completa. A comissão Militar Revolucionária tinha nas suas mãos todas as rédeas do poder.

Foram estes os nossos primeiros decretos: abolição da pena de morte, nova eleição das Comissões Militares e uma série de medidas do mesmo gênero.

Todavia, depressa constatamos que estávamos separados das Províncias. Os funcionários superiores das estradas de ferro, correios e telégrafos eram nossos inimigos. As antigas comissões do Exército, Câmaras Municipais e “Zemstvos” continuavam a enviar telegramas ameaçadores para o Instituto Smolny. Tinham-nos declarado guerra e diziam que a rebelião seria sufocada brevemente.

Os nossos telegramas, decretos e explicações não conseguiam chegar às províncias porque a Agência Telegráfica de Petrogrado negava a sua transmissão. Nestas circunstâncias era fácil a difusão de rumores imaginários, mas inquietantes.

Constatando que o Soviete tinha assumido o poder na realidade, que os membros do governo anterior estavam detidos e que os soldados dominavam as ruas de Petrogrado, a imprensa burguesa e coligação espalhou coisas inauditas contra nós. A Comissão Militar Revolucionária era objetivo das calúnias mais abomináveis.

A 8 de novembro houve reunião do Soviete de Petrogrado na qual estiveram presentes os delegados do congresso dos Sovietes, os soldados da Conferência Militar e muitos membros do partido. Pela primeira vez, após um intervalo de quatro meses, Lenin e Zinoviev falaram publicamente, tendo sido alvos de imensa ovação. Porém o júbilo da vitória aparecia perturbado pela inquietação com que esperávamos notícias do interior, ignorando por um lado como seria recebida a nossa atuação e por outro necessitando de pormenores concretos que nos indicassem a força efetiva das assembleias soviéticas.

Na noite do mesmo dia houve uma reunião do congresso, com grande importância para nós. Lenin propôs dois decretos:

um sobre a paz e outro sobre as terras. Depois da rápida discussão ambos foram aprovados por unanimidade. Na mesma reunião foi constituída uma autoridade central formada pelo Conselho de Comissários do Povo.

Os mencheviques e os socialistas revolucionários de direita, porém, tinham cortado relações com o Congresso dos Sovietes. Assim limitamo-nos a mostrar aos socialistas revolucionários da esquerda a conveniência de atrair os da direita para um acordo com os elementos triunfantes. Enquanto se esforçavam pela realização desta tarefa impossível, nós assumimos inteira responsabilidade pelo governo e a lista de Comissários do Povo foi constituída, inteiramente, por bolchevistas.